



Por uma história moldada na argila: O uso de oficina de cerâmica para conhecer diferentes culturas.

Denise Verbes Schmitt*

Adriano Sequiera Avello**

Resumo: Os objetos cerâmicos tiveram um papel importante em diversas culturas e civilizações, onde desempenharam funções diversas, como também favoreceram a complexidade destas sociedades. Compreender a fabricação destes objetos cerâmicos nos permite a aproximação destas culturas e entende-las a partir da perspectiva do conhecimento dos povos ceramistas, que desenvolveram técnicas de fabricação e decoração, que as identificam e as diferenciam culturalmente e historicamente. Com as oficinas de cerâmica busca-se construir o conhecimento através da manipulação, experimentação e criação de objetos de argila, que permitem entender a história destas culturas, de uma forma mais dinâmica e atrativa. Com este intuito os integrantes do projeto PIBID (Programa institucional de bolsa de iniciação a docência) /2011, subprojeto História da UFSM, realizou oficinas de cerâmica em três abordagens diferentes, onde a primeira diferenciou bárbaros e civilizados na antiguidade, a segunda abordou a cultura guarani e a terceira apresentou outras possíveis abordagens de trabalho com a cerâmica. Com as oficinas buscamos novas metodologias na área de ensino de história e este artigo é o relato destas experiências pedagógicas.

Palavras - chaves: Cerâmica. Educação. Cultura. Pibid História.

Abstract: The ceramic objects played an important role in various cultures and civilizations, where they played various roles, but also favored the complexity of these societies. Understanding the fabrication of these ceramic objects allows us to approach these cultures and understand them from the perspective of knowledge from the civilizations that made pottery, which developed manufacturing techniques and decoration that identify and differentiate culturally and historically. With the pottery workshops seek to build knowledge through manipulation, experimentation and creation of clay objects, which allow us to understand the history of these cultures in a more

* Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

** Universidade Federal de Santa Maria - UFSM



dynamic and attractive way. With this purpose the members of the project PIBID (institutional scholarship program initiation teaching) / 2011 History of subproject UFSM, pottery workshops held in three different approaches, where the first differentiated barbarians and civilized in antiquity, the second addressed the Guarani culture and the third presented other possible approaches to working with ceramics. With the workshops we look for new methodologies in the area of teaching history and this article is the result of these teaching experiences.

Keywords: Ceramics. Education. Culture. Pibid history.

Introdução

A confecção de objetos cerâmicos começa com o domínio do fogo, pelos homens, quando estes perceberam o endurecimento do barro próximo à fogueira. A partir deste conhecimento começou um processo de desenvolvimento de técnicas, que permitiram ao ser humano armazenar e cozinhar os alimentos, produzir artefatos religiosos e artísticos. Inicialmente a confecção de objetos de argila, provavelmente era modelada a partir de um bloco de argila, aonde o ceramista ia dando forma ao objeto, com as mãos, pressionado o bloco, até formar uma cavidade. Esta técnica é a mais rudimentar, pois a espessura das paredes do objeto é irregular, o que faz com que a peça se quebre mais facilmente. Com a busca por sanar estes problemas da técnica inicial, possivelmente os povos ceramistas desenvolveram a cerâmica cordelada, que foi a técnica mais utilizada, até a invenção do torno de oleiro, pois permite confeccionar uma peça mais uniforme e de maior durabilidade. Esta técnica foi utilizada pelos ameríndios até a chegada dos europeus na América, quando foi introduzido o torno de oleiro.

Atualmente muitos grupos indígenas, devido ao processo de desculturação desconhecem a produção de cerâmica e as técnicas que seus antepassados utilizavam. Trabalhar com oficinas de cerâmica, para entender a cultura dos povos ceramistas é buscar compreender a complexidade destes povos e resgatar a memória e patrimônio imaterial do saber fazer, ou seja, do conhecimento das técnicas empregadas na confecção dos objetos de argila.

A oficina é “um local onde se trabalha, elabora e se transforma algo para ser utilizado” (ANDER-EGG, 1991, p.10). Sendo “um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto; um caminho com alternativas, com equilíbrios que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer” (CUBERES, in VIEIRA;



VOLQUIND, 2002, p. 11). Portanto a utilização de oficinas como recurso pedagógico é uma forma de ensino - aprendizagem, que possibilita a interação coletiva, promovendo a ação, a investigação e a reflexão sobre o tema, onde a teoria não se desvencilha da prática. Pois se surgirem dificuldades durante o processo de fabricação da cerâmica, retorna-se a teoria para concretizar a prática. Proporcionar aos alunos as oficinas de cerâmica é possibilitar uma forma dinâmica de aprendizado, onde o educando durante a ação pode refletir e entender as dificuldades que os povos ceramistas encontravam para confeccionar suas peças de argila, entendendo seus hábitos e costumes.

As oficinas de cerâmica desenvolvidas pelos integrantes do PIBID de História da UFSM, projeto 2011¹, - projeto este coordenado pelo Professor Doutor André Luis Ramos Soares, professor adjunto do curso de História da UFSM - foram aplicadas para públicos diferentes, com abordagens distintas. No entanto as oficinas compartilharam da mesma introdução a história da cerâmica, bem como a técnica de confecção dos objetos cerâmicos, a cordelada. A primeira oficina foi para alunos do ensino fundamental, do 6º ano, da rede municipal de ensino de Santa Maria/RS, onde foi trabalhada a civilização e a barbárie na antiguidade, segundo a percepção grega. A segunda oficina foi para os participantes de um Seminário de Educação, na cidade de Lajeado, onde o tema foi à cerâmica guarani e seu processo de desculturação com as reduções jesuíticas e a última foi para graduandos do curso de História da UFSM, quando se apresentou sugestões para se trabalhar com a oficina de cerâmica, através de diferentes temáticas. Estas oficinas trabalharam as funções sociais da cerâmica, dentro do período histórico proposto, buscando assim compreender a cultura dos povos ceramistas e as dificuldades que encontraram na fabricação de objetos de argila.

O presente artigo descreve a técnica utilizada nas oficinas, no caso a cordelada e discorrer sobre as temáticas propostas para cada oficina, bem como os resultados destas abordagens, na perspectiva dos oficinairos, que confeccionaram suas próprias peças de argila. A proposta da oficina encontrou algumas dificuldades, que ao longo do texto serão expostas e discutidas as soluções encontradas pelos pibidianos para realizá-las.

A cerâmica

¹ O PIBID é um projeto CAPES.



A história da cerâmica não pode ser datada, apenas pode supor-se que ao perceber-se que a terra próxima as fogueiras endurecia, tenha-se começado um processo de experimentação de modelagem ou moldagem de objetos de argila e possivelmente tenha sido realizado pelas mulheres, por ser um processo doméstico. “Os arqueólogos admitem que a cerâmica nasceu quando o primeiro ser humano despertou sobre a terra.” (PILEGGI, 1958, p.5)

A palavra cerâmica vem do grego, *kéramos* e significa terra queimada ou argila queimada, por isso denominamos objetos de argila quando queimados, como cerâmica, independente da fabricação ser moldada ou modelada, pois o processo da cocção confere resistência à peça. As técnicas de fabricação são poucas, como também não apresentaram muitas alterações desde o início da confecção de objetos de argila. Nos grupos indígenas, os objetos quando moldados, geralmente utilizavam a cestaria, que estes mesmos grupos fabricavam, servindo como molde ou forma. A confecção de objetos com a técnica cordelada, que pertence ao grupo de confecção modelada, considerada um técnica mais elaborada, foi muito utilizada por diferentes civilizações, pois resolveu problemas de confecção do método anterior de modelagem, em relação à espessura das peças, conferindo maior uniformidade a cerâmica.

A técnica cordelada consiste em confeccionar cordões de argila, que são colocadas sobre uma base redonda, sendo esta base feita a partir de uma “bola achatada”, também de argila. Os cordões devem formar círculos, que devem ser sobrepostos, até atingir a altura desejada. Estes cordões não devem coincidir o local de união do início e fim com o cordão de baixo, ou seja, devem ter o fechamento do círculo no lado oposto do cordão anterior. Esta regra deve ser observada, pois confere maior resistência a peça. O aumento do diâmetro da peça é resultado do aumento do comprimento dos cordões. Isto é bem perceptível nas peças cerâmicas indígenas. Depois a peça é alisada com o auxílio de uma espátula ou similar, que une os cordões, deixando a peça lisa, quando esta é designada para a decoração, com pinturas ou impressões. Porém a cerâmica indígena, onde podemos citar a cerâmica guarani, que possui vários tipos de decoração, existem peças que não são alisadas, sendo decoradas com impressões, que também servem para unir os cordões, não necessitando alisá-las na parte externa.

O desenvolvimento do torno de oleiro trouxe mudanças, que proporcionaram a confecção de objetos cerâmicos com paredes mais finas, tornando as peças mais



elaboradas e de melhor qualidade. No território do atual Rio Grande do Sul foram os jesuítas, através das reduções, que implantaram as rodas de oleiros ou tornos de oleiros. Porém, na sociedade indígena o torno de oleiro alterou a estrutura social do trabalho, desregrando o estilo de vida destas comunidades. Com esta prática começa o processo de desculturação dos povos indígenas.

A cerâmica foi perdendo seu espaço na sociedade, quando foram desenvolvidas novas formas de confecção de objetos, geralmente com metais. Porém atualmente busca-se resgatar as técnicas de fabricação de cerâmica, enfatizando a busca da memória destes grupos sociais ceramistas.

As oficinas

Os povos ceramistas desenvolveram técnicas de fabricação e decoração de objetos cerâmicos que os identificavam culturalmente e socialmente. “Pois a cerâmica retrata a conjuntura social e econômica de cada povo, suas pretensões, sua capacidade, seu gosto, sua inteligência.” (PILEGGI, 1958, p. 3)

Com este intuito as oficinas de cerâmica desenvolvidas pelo grupo PIBID de História da UFSM, buscaram abordar a cultura destes povos ceramistas, através de intervenções práticas, onde os participantes confeccionaram seus próprios objetos de argila. A proposta destas oficinas é principalmente permitir aos oficinairos entender as dificuldades que ocorrem durante o processo de fabricação dos objetos de cerâmica, bem como discutir a função social destes objetos dentro destas sociedades ceramistas. A técnica utilizada nas oficinas foi a cordelada, pois esta foi possivelmente a técnica mais utilizada até a introdução do torno de oleiro. Esta técnica permite confeccionar diferentes objetos, mantendo uma maior uniformidade das paredes da peça, produzindo um objeto cerâmico mais elaborado e de maior resistência.

A primeira oficina de cerâmica foi desenvolvida com os alunos do 6º ano do ensino fundamental, da rede pública de ensino. A abordagem foi à diferenciação entre bárbaros e civilizados na Grécia antiga, pois no período o grupo do PIBID respeitava o conteúdo programático da escola, para desenvolver suas atividades. A intervenção buscou mostrar como os gregos, através de hábitos alimentares e culturais, tentavam diferenciar-se dos demais povos, aos quais denominavam bárbaros. Esta “luta” em diferenciarem-se dos demais povos e culturas é fortemente marcada pelos ritos de comensalidade. Os banquetes eram rituais do comer coletivo que marcavam a



sociabilidade dos gregos antigos, sendo segundo eles, o que os definia como civilizados. “Para os gregos é o banquete que define a condição humana” (FLANDRIM E MONTARINI, 1998, p.158). Na alimentação grega predominava os alimentos transformados, ou seja, modificados ou elaborados através do ato de cozinhar. Pois,

Cozinhar é atividade humana por excelência, é o gesto que transforma o produto “da natureza” em algo profundamente diverso: as modificações químicas provocadas pelo cozimento e pela combinação de ingredientes permitiram levar à boca um alimento, se não totalmente “artificial”, seguramente “fabricado” (MONTANARI, 2008, p.56)

O ato de cozinhar torna-se símbolo desta civilidade reivindicada pelos gregos, diferenciando-os dos bárbaros, que caçavam seu próprio alimento, assando de forma improvisada no próprio local, ou mesmo comendo os alimentos crus. Outro elemento a ser pensado é o próprio domínio da natureza, pois a alimentação provinha da agricultura, sendo colhidos e não coletados. Pensar que outros povos não cozinhassem ou praticassem a agricultura é errôneo, mas a mentalidade grega se apropriou destes conceitos de civilidade, para se diferenciar dos povos nômades, que caçavam e não praticavam rituais de comensalidade coletiva. O alimento quando cozido ganha um novo status, pois além de ser um produto transformado, o processo retêm o suco da carne, por exemplo, como também propicia que esta se torne mais macia para ser ingerida. Para isso é necessário a utilização de recipientes, ou seja, um objeto fabricado para esta função, que geralmente eram objetos de cerâmica. Então,

Cozinhar em panela, em vez de diretamente sobre o fogo, significava ainda não desperdiçar os sucos nutritivos das carnes, retê-los e concentrá-los na água. O caldo assim obtido podia ser reutilizado para outras preparações, junto de novas carnes, de cereais, legumes, verduras. No uso da panela, dificilmente falta a ideia da economia, da conservação. (MONTANARI, 2008, p. 80)

Assim, a cerâmica estava inserida nos banquetes, quando utilizada como panelas, que produziam comidas elaboradas, nos cântaros ou crateras que armazenavam o vinho, utilizado como bebida primordial, como também estava nas dispensas, onde se depositava os cereais e outras conservas. Porém atualmente a cerâmica grega é apenas apreciada como objeto de arte, devido às pinturas que adornam estes vasos, desconsiderando a sua função social no período. Por mais que a cerâmica tenha recebido



esta ornamentação, onde as pinturas retratam eventos cotidianos ou mitológicos e que representem um estilo de arte não mais existente, não podemos deixar de considerar que a confecção do objeto cerâmico foi idealizado, com um propósito funcional dentro desta sociedade.

Desconstruir a imagem dos vasos cerâmicos gregos da antiguidade, como apenas objetos de arte, possibilitou entender estas peças em suas funções primordiais, onde eram utilizados na gastronomia e na conservação dos alimentos. No entanto não desconsideramos outras possibilidades de confecção e utilização de objetos cerâmicos na antiguidade, como estatuetas religiosas ou objetos de decoração, porém optamos pelos os vasos cerâmicos gregos, para demonstra como a sua função social serviu para enfatizar o discurso grego da antiguidade sobre barbárie e civilização.

A segunda oficina de cerâmica foi realizada com participantes de um Seminário de Educação, onde a temática foi à cerâmica guarani. Nesta oficina apresentamos a cerâmica indígena, anterior à chegada dos europeus e as mudanças que surgiram com as reduções jesuíticas. O processo reducional criou uma nova cultura, a missioneira, mas por outro lado, desestruturou a sociedade indígena, levando-a a um processo de desculturação, onde atualmente muitos destes grupos desconhecem a confecção de objetos cerâmicos.

A cerâmica guarani era de uso doméstico, portanto uma tarefa feminina que, no entanto contava com o auxílio masculino, que buscavam a matéria prima nos barreiros e a deixava perto das casas, onde as mulheres tinham a função de limpa-la, retirando todas as impurezas. Depois o “barro” era amassado para retirar o ar, o que conferia as peça, para maior durabilidade tornando-a menos porosa. A fabricação e a decoração das peças de cerâmicas era uma função desempenhada pelas mulheres adultas e casadas, porém isso não significa que a técnica não fosse ensinada as jovens e obtivessem o auxílio das mesmas. O conhecimento da localização dos barreiros era indígena, contudo foi apropriado pelos jesuítas, durante o processo reducional.

Com as reduções jesuíticas mudou-se toda uma lógica de trabalho empregado pelos indígenas, que possuíam uma percepção do trabalho a partir de tarefas e estas designadas por gênero. A cerâmica guarani era produzida para substituir peças quebradas ou conforme a necessidade do grupo. O sistema reducional substituiu as tarefas por trabalho regrado, com o sistema de produção em serie, tirando esta função das mulheres, passando a ser trabalho masculino. Várias mitologias ameríndias citam a



produção de cerâmica como tarefa feminina, destarte há uma desritualização da sociedade indígena, fugindo as crenças mitológicas de produção, levando a desregrar esta sociedade. No entanto,

Os processos impositivos de cultura colocados diante do nativo no momento da conversão catequética, impondo inclusive uma nova tecnologia e novas formas, não é suficiente para afastá-lo de sua tradição e de sua produção própria. (LA SALVIA; BROCHADO in RAHMEIER, 2003, p. 71)

Os grupos reduzidos, em sua maioria guaranis, continuaram a produzir peças cerâmica tradicionais, porem em menor quantidade. Devemos considerar que esta diminuição tem outros fatores, porem resultados da própria redução. Com a imposição da fé católica não foram mais permitidos confeccionar as estatuetas que representavam os deuses da crença indígena, como também as urnas funerárias, pois os sepultamentos passaram a ser no estilo cristão. Contudo, se houve a diminuição da cerâmica indígena, com as reduções, a introdução do trono de oleiro diminuiu o tempo de trabalho empregado para confeccionar novas peças. No entanto, perdeu-se o conhecimento técnico de fabricação e decoração da cerâmica, que estes grupos ceramistas possuíam.

Atualmente a cerâmica indígena é um dos elementos mais estudados para se conhecer estas sociedades ágrafas. Com o estudo interdisciplinar da história e da arqueologia, torna-se possível entender hábitos e costumes, destas sociedades indígenas ceramistas. Com isso se desconstrói o olhar eurocêntrico pejorativo existente sobre estas culturas, pois passamos a conhecê-las através de seus próprios vestígios históricos.

A terceira oficina de cerâmica foi realizada para graduandos do curso de história da UFSM, quando apresentamos algumas possíveis temáticas para se trabalhar à oficina cerâmica. Esta oficina foi peculiar pois foi mais uma conversa sobre possibilidades de abordagem, enquanto desenvolvíamos a confecção da cerâmica. Além da história da cerâmica, apresentamos a temática utilizada sobre bárbaros e civilizados na Grécia antiga e a cerâmica guarani. Sobre a cerâmica guarani levantamos a hipótese de trabalhar a crença religiosa e os rituais funerários deste grupo, como também o resgate da memória guarani e de outros povos indígenas ceramistas, através da manipulação da argila.

Outra possibilidade é a distinção hierárquica a partir da cerâmica, existente em varias sociedades. Dentro dos povos indígenas, a confecção da cerâmica era função feminina. Os objetos decorados com pinturas não entravam em conato com o fogo e



geralmente eram para elite indígena. Na antiguidade, principalmente entre os gregos, os ceramistas eram desprezados pelos grupos intelectuais, pois era um trabalho braçal, no entanto os artistas que ornamentavam estas peças eram altamente venerados.

Neste diálogo foram citados alguns projetos envolvendo oficinas de cerâmica, demonstrado como esta foi utilizada para resgatar memórias individuais e coletivas de homens e mulheres do meio rural, que foram forçadas a migrar para a cidade. A oficina aconteceu no Assentamento Bela Vista do Chibarro, no município de Araraquara, São Paulo. Em decorrência a troca de espaço, como também de hábitos usados no campo, se fez à utilização de oficinas, como forma de resgatar a memória que sucumbira dentro dos valores da cidade. A experiência com argila buscou revalorizar simbolicamente o barro e a terra, para que surgisse sob a égide das lembranças transmitidas pelas mãos a identificação com o mundo rural. A oficina de cerâmica levou-os a refletir, enquanto isso,

O silêncio das atividades relacionadas à argila – traduzido pela memória das perdas – pode ser interpretado a partir das reflexões freudianas, na medida em que o conteúdo destas lembranças contém os fragmentos da vida posterior destas pessoas, relativo à saída dos locais de origem e às inúmeras migrações, cujas experiências foram produzindo a matéria-prima das lembranças suprimidas na infância. A experiência da oficina, por meio das mãos, permitiu que os distintos conteúdos destas lembranças fosse sendo redescobertos e que o silêncio sobre elas revelava não o esquecimento, mas a omissão, como estratégia de resistência. (SILVA, 2005, p.312)

O resgate das lembranças fez estas pessoas trabalhar a auto-estima, valorizando-se como cidadãs, compreendem-se como indivíduos históricos, portadoras de patrimônio individual e coletivo

Outro projeto consolidado com oficinas de cerâmica é o “Fazendo Cerâmica Hoje como Nossos Avós, fruto da parceria entre coletividades kaingang e a prefeitura municipal de Porto Alegre. A origem deste projeto está vinculada a um circuito de oficinas de arte cerâmica, direcionadas a coletividades kaingang em processo de territorialização na cidade de Porto Alegre. O objetivo era o de sustentabilidade da comunidade Kaingang. Em síntese o projeto,

“Fazendo Cerâmica Hoje como Nossos Avós” (Gohor hanja ũri ãg jóg si ag rikén) jogou luz sobre uma série de conhecimentos kaingang relacionados a unidades da paisagem às quais estes indígenas perderam historicamente o acesso, no curso do processo colonial, especialmente várzeas e planícies. Tais conhecimentos foram re-oxigenados no processo de mapeamento das argilas da bacia do Lago



Guaíba com potencial para a produção de arte-cerâmica. Igualmente foram instigados pelo re-encontro dos kaingang com os artefatos arqueológicos localizados nas terras altas da bacia do arroio do Osso e que, simbolicamente, associaram a seus “avós”. Os padrões iconográficos dos vestígios cerâmicos arqueológicos, por fim, inspiraram a re-inscrição e experimentação técnica sendo reproduzidos em novas peças de arte-cerâmica. (FREITAS; FAGUNDES, 2003, p.161)

A valorização e o resgate da cultura indígena permite que estes grupos se reconheçam como povos ceramistas, entendendo que o conhecimento da fabricação da cerâmica foi retirado deles devido ao processo de desculturação.

Abordagens interdisciplinares com a oficina de cerâmica foram discutidas, com a disciplina de artes, de matemática, onde se pode trabalhar os desenhos geométricos utilizados para decorar estas peças, com a geografia, abordando a questão territorial, onde encontram-se os barreiros, entre outras possibilidades que possam surgir. Em todas estas questões podem ser trabalhadas juntamente com a história, desconstruindo assim a maneira de trabalhar a educação de forma compartimentada, bem como trazer pra pratica estes temas, trabalhados apenas de forma teórica.

Durantes as intervenções das três oficinas, os pibidianos buscaram dialogar com osicineiros, sobre as impressões que os mesmos tiveram sobre a atividade. Com os alunos do ensino fundamental, a maior constatação entre os educandos foi que o aprendizado não acontece apenas escrevendo no caderno e que a disciplina de história pode ser, nas palavras deles, legal. Entre os participantes do seminário, devido a diversidade do público presente, das diferentes áreas do conhecimento, entre elas química, letras, geografia, matemática, entre outros, foi necessário reelaborar a temática da oficina. Apresentamos de maneira mais sucinta a intervenção dialogada sobre a temática e começamos a questioná-los quais os motivos que os levaram a inscrever-se para participar da oficina de cerâmica. Entre as respostas mais frequentes foi a de poder relaxar com a atividade. Com isso buscamos mostrar as possibilidades de se trabalhar esta oficina, nas diversas áreas do conhecimento, de forma interdisciplinar.

A última oficina, com os graduandos do curso de história da UFSM, o diálogo sobre as possibilidades contou com contribuições por parte dosicineiros, que trouxeram suas experiências para atividade. Porém a ênfase da atividade ficou na técnica cordelada e as dificuldades de se produzir a cerâmica. As oficinas cerâmicas encontraram algumas dificuldades, como local impróprio para a atividade, na sala de



aula, com cadeiras estofadas e classes brancas, que foi contornado com forração das mesmas. No ensino fundamental alguns alunos inicialmente não queriam se envolver com a atividade alegando que iam sujar as mãos, que foi contornado, explicando que havia escovinha sabonete para lavar, o que convenceu a estes alunos a participarem. Nos outros grupos não houve este tipo de problema, até porque foi uma opção destes, em participar da oficina. Outra dificuldade é encontrar argila específica para cerâmica, no entanto foi solucionado.

Considerações finais

Em suma, a oficina de cerâmica é uma metodologia de ensino que possibilita varias formas de abordagem, aproximando osicineiros das sociedades e culturas estudadas. A oficina é um recurso pedagógico que permite trabalhar de forma prática, promovendo a ação, investigação e a reflexão sobre o tema. Neste tipo de intervenção quando surge duvidas durante a prática, retorna-se a teoria, não desvinculando uma da outra. As oficinas permitem praticar e entender de forma diferenciada, o que geralmente é apenas teorizado nas aulas de história, possibilitando uma nova forma de ensino-aprendizado.

Entender a ânsia dos gregos em diferenciar-se dos demais povos, utilizando as peças de cerâmica, para enfatizar este discurso é entender que a ideia de civilidade envolvia toda a sociedade grega e que impregnou toda cultura dos gregos antigos. Estudar a cerâmica guarani e discutir processo reducional, através das mudanças na fabricação e produção dos objetos de argila, nos leva a compreender o processo de desculturação pelo qual estes grupos passaram. Buscar novas temáticas, como o êxodo rural, religiosidade, patrimônio material e imaterial, bem como outros temas, nos permite utilizar a oficina de cerâmica com novas abordagens. Estudar apenas a técnica cordelada como forma de complexidade social, leva-nos a entender certas dificuldades que os povos ceramistas encontraram durante desenvolvimento das peças de argila.

A proposta de mostrar aosicineiros as dificuldades de produzir cerâmica, bem como discutir culturas e aspectos sociais históricos, através da manipulação da argila, possibilitou que os alunos entendessem que conhecimento não é só teórico e que este não se constrói copiando e decorando conteúdo. A cerâmica é resultado de uma conjuntura social e econômica, portanto representa as pretensões e ideais de um povo,



por isso entende-las a partir de seus meio de fabricação é conhecê-las a partir dos seus próprios elementos culturais.

Bibliografia

- ANDER-EGG, Ezequiel. El taller - una alternativa de renovación pedagógica. 2 ed., Buenos Aires: Magisterio Del Río Del La Plata, 1991.
- FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998 p. 107-185.
- FREITAS, Ana Elisa de Castro; FAGUNDES, Luís Fernandes Caldas. Projeto fazendo cerâmica hoje com nossas avós/Gohor hanja ũri ãg jóg si ag rikén: uma experiência de educação intercultural em esfera municipal, in: ROSADO, Rosa Maris; FAGUNDES, Luís Caldas (org.). **Presença indígena na cidade**: reflexões, ações e políticas. Núcleo de pesquisa de políticas publicas para povos indígenas. Porto Alegre: Gráfica Hartmann, 2003.
- LA SALVIA. Fernando; BROCHADO, José Proenza. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.
- MATTAR, Sumaya. **Sobre arte e educação**: Entre a oficina artesanal e a sala de aula (Coleção Ágere). Campinas, SP: Papyrus, 2010
- PENIDO, Eliana; COSTA, Silvia Souza. **Oficinas: cerâmica**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 1999.
- PILEGGI, Aristides. **Cerâmica no Brasil e no Mundo**. SP: Livraria Martins Editora, 1958
- RAHMEIER, Clarisse Sanfelice. **Cultura missioneira**: interpretações a partir da cerâmica. Cruz Alta: UNICRUZ, 2003
- SARIAN, Haiganuch. **A cerâmica como documento arqueológico**. Revista de Pré História 6, 1984, pp. 195-204.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Das mãos à memória. In: ECKERT, Cornélia; MARTINS, José Souza; NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 2005, pp. 295-315.
- VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino**: o que?. Por quê? Como? Porto Alegre: EDIPURS, 2002.

Recebido em Julho de 2013
Aprovado em Agosto de 2013